

Congresso 27 AGO 1990 Base de sustentação parlamentar do governo mostra fragilidades

por João Alexandre Lombardo
de Brasília

Apesar de ter novamente vencido a oposição e impedido a volta da indexação salarial no País, o governo sofreu uma derrota numérica no Congresso, na votação do veto presidencial ao projeto de política salarial do Legislativo. Mesmo vitorioso, o resultado da votação mostra que o governo Collor não está seguro com a atual base de sustentação parlamentar e expõe mais uma vez o problema da insatisfação de parlamentares governistas com o tratamento recebido do Executivo.

O veto presidencial foi derrubado com os votos de 265 deputados, na Câmara. Apenas 125, dos 405 deputados presentes no Congresso na noite da última quarta-feira, votaram contra a volta da indexação salarial. A maioria dos senadores presentes à sessão tam-

bém votou pela rejeição do veto. Foram 34 votos, contra apenas 24 senadores que ficaram ao lado do governo. Mesmo assim, o veto foi mantido já que a Constituição determina a necessidade de no mínimo 38 votos (maioria absoluta) no Senado, para que ele fosse derrubado.

“O resultado da votação mostra que os presidente Collor não tem segurança com as bancadas que atualmente dão sustentação parlamentar a seu governo”, disse o líder do PSDB na Câmara, deputado Euclides Scalco. Para ele a oposição obteve uma “vitória política” na última quarta-feira. Recentemente, em entrevista a este jornal, o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, falou sobre a necessidade de o governo eleger uma bancada mais afinada com suas posições, em outubro próximo, a fim de evitar problemas como esse.

Antes que isso ocorra, porém, o vice-líder do governo no Senado, Ney Maranhão (PRN-PE), acha que os ministros e secretários do Executivo precisam dar um tratamento melhor aos políticos. “O que aconteceu na última quarta-feira foi o troco que a Câmara deu em função do péssimo tratamento dado pelo governo aos parlamentares”, avaliou ele.

No meio da semana, por exemplo, o líder do PDS, deputado Amaral Neto, não fazia questão de esconder sua irritação com o ministro da Infra-Estrutura, Ozires Silva. “O governo está preocupado com a filosofia, mas se esquece da fisiologia”, declarou ele.

Por causa desses problemas, o senador Ney Maranhão procurou, na sexta-feira, o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, para tratar do assunto. Satisfeito quando chamado de “se-

nador boiadeiro”, Ney Maranhão comparou alguns políticos a “bois manhosos”. Segundo ele, o “boi manhoso” tem que ser bem recebido, bem tratado, mesmo que seja preciso dizer não a ele. “Tratado com carinho ele arrasta carroça com toneladas de cana”, disse ele. Deixar um parlamentar aguardando horas na porta de um gabinete de ministro ou secretário é sinal de desprestígio e pode levar esse deputado ou senador a uma reação de indisposição com o governo, concluiu.

Ney Maranhão afirmou não ter ficado surpreso — ao contrário de outros líderes governistas — com o resultado da votação do veto na Câmara dos Deputados. Para ele, o governo precisa ter mais cuidado com a Câmara, mas não pode deixar de ter maioria no Senado, que é a casa revisora das decisões.